



INFORMATIVO

O TUIUTI



*ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)*

370 anos da Primeira Batalha dos Guararapes -100 anos da participação do Brasil na I GM

ANO 2018

Junho

Nº 276

O FIM DA URSS

Colaboração do Cel Cav EM Marcos Paz do Nascimento, do CMS

O texto que se segue, com exceção da última ideia, é síntese da conclusão da tese de doutorado de Robério Paulino Rodrigues

- O colapso da URSS: um estudo das causas -

cuja ficha catalográfica encontra-se copiada ao final. A ideia que não consta do texto de Rodrigues baseia-se em uma visão comparativa da história contemporânea, a qual não é fundamentada aqui.

A Revolução de Outubro (assim designada para deixar em aberto o uso das palavras socialista e comunista) ocorreu em um país atrasado material, técnica e culturalmente em relação à Europa para a qual e na qual havia sido desenvolvida a teorização marxista.

Isto constituía um óbice da maior relevância pelo simples fato de que tornava inexistente a base sobre a qual precisaria apoiar-se o ímpeto distributivista do regime. Acresça-se a isto os fatos de que a teoria base do mesmo não abordava, ou o fazia de forma excessivamente simplista, as questões relativas ao Estado e que este precisou vencer uma guerra civil, combinada com agressão estrangeira, a fim de obter o domínio do território e um mínimo de reconhecimento, senão de jure pelo menos de facto, internacional.

A solução foi simples, a perenização da ditadura do proletariado, operacionalizada como ditadura do Partido, e, na sequência, a concentração do poder, no que Lênin chamou de "centralismo democrático".

Daí para a personalização do poder, de que Stalin é o maior exemplo, foi um passo. O fato do regime ter sido incapaz de superar sua característica ditatorial, possivelmente retrate tanto a fraqueza de sua teoria base em iluminar o que seria a sociedade em um sistema de propriedade nacionalizada quanto a inexistência, já assinalada, de instituições sociais efetivamente capazes de impor-se como partícipes de diálogo.

Que o embrião das instituições existentes tenha sido alvo de cooptação/eliminação só explicita o viés ditatorial do regime. Este caráter ditatorial, assim como o fardo econômico decorrente da necessidade de paridade militar com sociedades de muito mais alta produtividade econômica, perdurarão durante todo o regime e serão centrais no bloqueio/esvaziamento das tentativas de reforma.

O isolamento do regime será fruto, também, do reformismo que esvaziou o apelo que sua doutrina poderia ter sobre o proletariado dos países desenvolvidos, isto é, da evolução do sistema que esta doutrina combatia, e constituirá outro fardo para sua economia. Esta avançou a passos largos enquanto foi capaz de combinar a base técnica que importava e replicava com o uso extensivo dos imensos recursos naturais do país, aí incluída uma população de crescente capacitação educacional.

Quando, porém, a base tecnológica da indústria mundial avançou do modelo eletromecânico para o eletrônico, a incapacidade do regime de conviver com as mudanças sociais a que a disseminação da informação, que o computador maximizava, dava origem, estagnou de vez a economia. Isto a manteve dentro do padrão extensivo, o qual já se esgotava tanto por força da depauperação das riquezas naturais de fácil extração, quanto pelo entorpecimento da mão-de-obra, psicologicamente incapaz de ver vantagem em cooperar com um regime competente para mandar astronautas ao espaço mas incapaz de proporcionar-lhe o mínimo dos confortos que a disseminação da informação em nível mundial lhe mostrava ser o padrão do capitalismo. (Grifo do Editor).

Faltava o toque final e este veio por uma tentativa, desesperada, mas aparentemente autêntica, de reforma, a qual começou pela economia – a Perestroika – e espalhou-se pelo sistema sócio-político – a Glasnost.

Quando ambas já não davam conta de atender aos anseios do povo pela superação da opressão política e do atraso econômico, apresentou-se, com alta dose de oportunismo e possivelmente como via adotada pelas elites regionais para ter acesso mais direto a um poder maior, a questão das nacionalidades, reclamada em primeira mão pelos que mais haviam se beneficiado da União, as repúblicas periféricas.

Quando até a Rússia julgou a união um fardo, então acabou. Que o sucessor tenha sido, pura e simplesmente, uma restauração do capitalismo evidencia o fracasso da Revolução de Outubro.

Que em todos os países onde se estabeleceu um regime tipo o desta tenha surgido, com maior ou menor grau de sofisticação, uma ditadura, é prova incontestada de afinidade.

Fonte:

RODRIGUES, Robério Paulino. O colapso da URSS: um estudo das causas. In: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2006, 295 f. - Tese de Doutorado - Programa de Pós-Graduação em História Econômica - Orientador: Osvaldo Coggiola.



PORTO ALEGRE BOMBARDEADA NOVAMENTE! UM FATO OCORRIDO HÁ 126 ANOS ATRÁS...

Agamenon Vladimir Silva, lanceiro honorário do 3º Regimento de Cavalaria de Guardas, Membro-Efetivo da Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB/RS) – Academia General Rinaldo Pereira da Câmara, e do Instituto de História e Tradições do RGS (IHTRGS).

Pródromos – Síntese.

A Revolução Farroupilha começou a 20 de setembro de 1835 sob as lideranças de Bento Gonçalves, Onofre Pires e Gomes Jardim cujas forças, lideradas por estes últimos, invadem a cidade pela ponte da Azenha e, com pouca resistência, avançam e ocupam o Palácio do Governo, cujo Presidente da Província, Antonio Rodrigues Fernandes Braga, com alguns funcionários e colaboradores, fugiu a bordo da escuna Rio-grandense para a cidade de Rio Grande.

A Câmara Municipal reuniu-se extraordinariamente, e para ocupar o cargo de Presidente do Estado, na ausência dos vice-presidentes imediatos, assumiu o 4º Vice, Marciano Pereira Ribeiro.

O Regente Imperial Padre Diogo Feijó, indicou o cidadão José de Araújo Ribeiro, o qual chegou em Porto Alegre no início de dezembro de 1835.

Até 15 de junho de 1836, os Farroupilhas ficaram de posse da Capital, que, foi retomada por Manuel Marques de Souza III, o futuro Conde de Porto Alegre. Daí por diante foram inúmeros os ataques feitos à cidade pelos revolucionários farroupilhas sem que obtivessem sucesso em ocupá-la novamente. Sofreu bombardeios de artilharia dos quais, por

exemplo, aquele efetuado pelo General farroupilha Antonio de Souza Neto que, a partir dos "moinhos de vento", lançou cerca de 150 balas ardentes e granadas sobre o casario da cidade.

Até o fim da Revolução Farroupilha, a cidade sofreu três ataques e eventuais bombardeios de artilharia. Com a efetivação da Paz de Ponche Verde em 1845, que deu por concluída a Revolução Farroupilha, cessaram todos os ataques, e o Presidente da Província - o Conde de Caxias, determinou a demolição das fortificações e a cidade voltou a se desenvolver e prosperar.

Após a Proclamação da República todas as instituições brasileiras sofreram uma radical transformação. Começou então um período de agitação política que vai atingir seu ápice com a revolução federalista no Rio Grande do Sul em 1893.

Após o golpe de 1891, quando Deodoro dissolveu o Congresso, recrudesceram as agitações no Rio Grande do Sul.

Júlio de Castilhos que presidia o Estado, demite-se, formando-se então um novo governo, que teve curta duração. Logo foi constituída uma junta provisória, composta dos Drs. Joaquim Francisco de Assis Brasil, João de Barros Cassal, Brigadeiro Domingos A. Barreto Leite e do General Manuel Luis da Rocha Osório. Assim, foi instalado no RS o que foi denominado "Governicho" o qual, após 17 de novembro de 1891, passou a ser exercido por um único membro, o Brigadeiro Barreto Leite. Durante este período o Estado sofreu as consequências da falta de autenticidade e das contínuas manifestações de protestos político-partidárias.

Novas agitações derrubaram o "Governicho", voltando ao poder Júlio de Castilhos, que anula todos os atos praticados pelo Governo Provisório em 17 de junho de 1892.

Inconformados, parte dos republicanos apeados do poder, tendo à frente João de Barros Cassal, refugia-se na canhoneira "Marajó", ancorada no porto da cidade, sob o comando do Capitão-tenente Cândido Lara, que deu abrigo e apoio aos próceres da facção destituída do governo.

Instado pelo Ministro da Marinha a entregar o comando, negou-se a fazê-lo, ameaçando abrir fogo sobre a capital, o que fato ocorreu após três dias de ameaças. No dia 24 de junho de 1892 às 10 horas da manhã, a canhoneira "Marajó" iniciou o bombardeio da cidade, que foi defendida pelo Exército, pela Guarda Cívica e por populares armados.

A canhoneira "Marajó" construída no Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro, era da classe "E", e havia sido lançada ao mar em 25 de dezembro de 1886, construída segundo os planos do Capitão-tenente João Cândido Brasil. Ela deslocava 409 toneladas e era de construção mista, isto é, de ferro de Ipanema e aço Krupp. O casco compunha-se de chapas de aço de 5 mm de espessura, revestido com embono de madeira, e externo revestido de cobre. A madeira que fora empregada era a peroba. Suas dimensões eram as seguintes: 43,34 m de comprimento de fora-a-fora; 9,71m de boca, 2,85 m de pontal e 2,2 m de calado. A guarnição compunha-se de 80 praças e oficiais. As máquinas acionavam duas hélices com 400 cavalos-vapor, o que lhe garantia 9,5 nós de velocidade. Era artilhada com dois canhões Armstrong de 6 polegadas (152mm), um na proa e outro na popa; mais duas outras peças de 37mm e duas metralhadoras Nordenfelt de calibre 25 mm, além de dois tubos lança-torpedos.

O bombardeio da cidade durou cerca de meia-hora estimando-se, segundo o Major Miguel Pereira, que foram disparados cerca de 4.200 projéteis de 25 mm e de 37 mm dos

dois canhões revólveres. Contudo, houve uma pertinaz reação constituída por peças de artilharia "La Hitte" que ocasionaram avarias na popa da canhoneira obrigando-a a suspender o fogo e fugir na direção das Pedras Brancas para escapar ao alcance dos canhões. Fora o terror produzido pelos disparos da canhoneira "Marajó", os estragos materiais produzidos foram de pouca monta, com somente duas baixas, uma do soldado da Guarda Cívica, Militão Nunes, e ferido o ansepeçada Pedro Ramos.

O bombardeio atingiu a casa da família do Capitão-tenente Lara. Foram sete projéteis no trapiche do Lloid, um no edifício nº 5 do mercado, um no prédio do Tesouro do Estado, um na residência do Sr. Jorge Rainéri, à rua "Mesiricórdia", danificando a sala de jantar e a cozinha, dois na casa rua da República nº 37, e outro no nº 39, um na Catedral e muitos na Igreja das Dores, que ficou com sua escadaria toda metralhada. No Teatro São Pedro caíram dois projéteis, um dos quais atravessou um camarote e foi ao palco. O Edifício Malakoff, o mais alto da cidade, foi muito alvejado. Uma casa na rua Duque de Caxias nº 85, residência da família do literato e poeta José Bernardino dos Santos, dias antes falecido, recebeu um projétil na cimalha da frente. Os prédios da mesma rua nºs 84, 86 e 132, também sofreram danos com os projéteis. No Hotel Castro na rua da Alegria, duas pessoas foram levemente feridas. Em uma casa da rua Riachuelo nº 136, um projétil explosivo de canhão de tiro rápido Hotchkiss 37mm caiu no forro, mas não explodiu. No edifício da Sociedade Beneficência Brasileira União, um projétil de canhão de grande calibre derrubou um arco de avultadas dimensões. Outra, entrou pelo prédio nº 50 da rua de Bragança e caiu no armazém de Carvalho & Bastos. Na casa da rua Duque de Caxias, habitado por Chico Italiano, um projétil fez um grande rombo, atingindo a cozinha. Também ficaram avariadas as casas da rua dos Andradas, junto à residência do retratista Gonçalves, e da rua de Bragança nº 89, onde um projétil atravessou três casas e caiu no prédio da esquina da rua Andrade Neves, abrindo também um grande rombo. Caíram dois projéteis no prédio nº 19, da rua Bento Martins, outros caíram no telhado da casa nº 121 da rua dos Andradas, um projétil no Asilo Providência e um na casa nº 55 da rua Riachuelo, que atravessou três paredes de divisão, causando sérios estragos. Quando o general Bernardo Vasques saía do QG, um projétil caiu na frontaria do prédio, derrubando pedaços de reboco, um deles atingindo as costas do venerando militar.

Após o término do bombardeio, a "Marajó" retirou-se para o Rio Grande, onde se entregou aos comandantes das canhoneiras "Camocim" e "Henrique Dias", sendo presos o Capitão-tenente Lara, oficiais do navio e populares que estavam a bordo. Cassal já havia desembarcado em Itapoã, fugindo para rumo ignorado.

Como epílogo dos tormentos que causara à cidade de Porto Alegre, a canhoneira "Marajó" foi removida para o Rio de Janeiro, onde seu casco em estado quase imprestável, foi encalhado e abandonado frente da Ilha de Mocanguê, onde foi incendiada pelos legalistas em 1893, para que o seu casco não fosse mais utilizado pelos revoltosos.



**INTERVENÇÃO NÃO.
HONESTIDADE, COMPETÊNCIA E AUTORIDADE SIM**

General da Reserva Luiz Eduardo Rocha Paiva

Os brasileiros não querem intervenção militar e sim governos honestos, competentes e com autoridade moral e funcional. Governos que proporcionem desenvolvimento, segurança e bem-estar, em ambiente de liberdade com responsabilidade e justiça com legitimidade.

Governos honestos são exercidos por lideranças com valores éticos, morais e cívicos.

Governos competentes têm estruturas constituídas por servidores, públicos e comissionados, selecionados pelo mérito, não pelo apadrinhamento, devotadamente dedicados ao serviço da nação e não a interesses político-partidários ou individuais.

Governos com autoridade moral e funcional têm lideranças que dão exemplos de senso do dever, comprometimento com a sociedade, honestidade, austeridade e competência no desempenho de cargos e funções.

As Forças Armadas (FA) têm reputação de Instituições ética e moralmente saudáveis, demonstram elevada capacidade para cumprir diferentes missões e estão sempre prontas para servir à sociedade a qualquer hora e onde seja necessário.

O papel desempenhado pelas FA na recente greve dos caminhoneiros foi fundamental, logrando êxito em poucos dias, com sereno rigor e sem emprego de violência. Elas fazem a diferença em um país onde a falta de solidariedade e a corrupção contaminaram amplamente da base ao mais alto nível da pirâmide político-social, tendo os Poderes da União perdido a confiança da população.

Nesse cenário de decadência moral e política, construído pelas esquerdas socialistas, a fabianista (1994-2002) e a gramscista (2003-2016), ambas aliadas à vetusta liderança patrimonialista, inclusive na prática da corrupção, o povo não vê saída pelas vias legais, posto que elaboradas para manter o poder do odioso conluio fisiológico e ideológico. Daí o crescente apelo por intervenção militar.

Dessa forma, **não é justo condenar, a priori, os intervencionistas**, embora ainda seja o momento de deles discordar. A maioria perdeu a crença nessa *democracia para inglês ver*, mas são de índole verdadeiramente democrática, patriótica e pacífica (não confundir com pacifista), tendo justos motivos para se preocuparem com o futuro do país.

Por outro lado, as eleições de 2018 não serão, por si só, o alvorecer de um novo Brasil. Democracia não se resume a eleições livres e não bastará uma grande renovação dos quadros do Executivo e do Legislativo. Nada mudará se os rumos do país continuarem a ser traçados por políticos patrimonialistas como Renan, Jucá e Temer (fisiológicos e não ideológicos); socialistas marxistas como Lula, Dilma, Gleisi e Lindbergh (servis ao Foro de São Paulo); ou socialistas fabianistas como FHC, Aécio, Alckmin e Serra (aliados ao globalismo internacionalista).

Será a continuação das políticas do “toma lá dá cá”, dos interesses pessoais, partidários, ideológicos e apátridas, prevalecendo sobre o serviço à nação, da manutenção do ambiente facilitador da corrupção, que avilta a sociedade, da derrocada da autoestima nacional e do agravamento da cisão social, as duas últimas filhas diletas da nefasta e impatriótica ideologia socialista.

Ainda que surjam novas lideranças, será muito difícil e demorado recuperar uma sociedade ética e moralmente enferma pela corrupção endêmica e submetida a décadas de intensa campanha ideológica pelo desrespeito às leis e a tudo que represente autoridade e disciplina, pelo revisionismo da história para arrefecer o patriotismo e pela cisão social para criar um clima revolucionário. Uma sociedade sem a consciência de que a liberdade de cada um é limitada pela do próximo e desorientada pela falta de referenciais positivos a seguir.

As três décadas de liberdades democráticas mostraram que a sociedade não amadureceu o bastante, nem está educada o suficiente para ter total autonomia para conduzir o país. Ao contrário, ela foi deseducada e retrocedeu ao eleger, sucessivamente, governos que a afundaram nessa prolongada crise moral, política, econômica e social.

O idealismo ingênuo de um povo imaturo e de baixo nível educacional é explorado por formadores de opinião majoritariamente esquerdistas, ocupando setores decisivos, em prol da revolução socialista per-

manente, cuja origem está na década de 1920. A população vem sendo submetida a uma visão de viés socialista, maniqueísta e distorcida a respeito de direitos humanos, que impõe às majorias não os legítimos direitos de minorias, mas seus interesses e os da revolução.

Com a imposição autoritária do *politicamente correto*, visa-se padronizar opiniões e comportamentos, escravizando os cidadãos acomodados ou condenando social e judicialmente os que prezam a própria liberdade e dignidade. Além disso, procura-se impor políticas de igualdade e de distribuição de riquezas, que, sem o contraponto do mérito, são injustas com quem se esforça, produz e é útil, e beneficiam outros que delas usufruem sem nada produzir para a sociedade. O Estado patrão e provedor, sonho socialista, nunca solucionará as carências que pesam para o Brasil alcançar o futuro que sonhamos.

Só a ascensão de uma liderança centrista, que diminua e limite o tamanho do Estado, mantendo a flexibilidade para adequá-lo nas graves mudanças cenários; que tenha pensamento econômico liberal moderado e adote políticas sociais, cujos custos não impeçam um ritmo de desenvolvimento capaz de mantê-las e ainda gerar saldos para ampliar o progresso; que aplique um choque de valores éticos, morais e cívicos; que reforme a maneira de fazer política; e que transforme o país em uma Federação, de fato, com grande autonomia dos estados e municípios, responsabilidade fiscal e liberdade para empreender.

Defendo uma nova constituição, cujo projeto seja elaborado por uma comissão de notáveis e submetido à apreciação de uma Assembleia Constituinte para fazer sugestões e debater com a comissão, que teria a autoridade para aceitar ou não. O formato final seria submetido à votação popular.

Não defendo intervenção nem ditadura, civil ou militar, mas não tenho dúvidas de que o arremedo de democracia em vigor, a enfermidade moral da sociedade, a permanência das atuais lideranças políticas e a manutenção do utópico marco legal, inclusive constitucional, impedirão a retomada do progresso, segurança e bem-estar da nação.

Para ser bem claro e objetivo, a redenção do Brasil requer um governo com poder e autoridade apenas um pouco menos amplos do que os do regime militar. Democracia é algo abstrato e difícil de se definir concretamente, portanto, sua dose inicial e a evolução a patamares mais altos seriam temas para debate.



MALLET - Ernesto Caruso - HOMENAGEM A EMILIO LUÍS MALLET

**Muito de ti se falou
De Tenente a Coronel,
Mas, também se bradou
O valor do General
Tua ação não se igualaria
Na Bateria, no Regimento e
Na Brigada de Artilharia.**

**Tu foste o gênio
Nunca sonhado por ti.
Nenhum guapo se confundiria.
Foste a simplicidade,
De artilheiro e brasileiro
Que nem a lei abalou.
Esta, injusta e geral,
O Exército de ti afastou.**

**Mas, sempre,
Que de ti precisavam
Te encontravam em pé, vibrante,**

Disposto a pelear
Por este baita chão
Que tua alma adotou.

De gaúcho, ficou bastante,
Quando caiu o gigante
Nos braços de Dona Joaquina,
Uma prenda bonita,
Filha de militar.

Do enlace em Bagé,
Quatro filhos nasceram,
Portando o sobrenome Mallet.

Emília de Medeiros
Se fez mulher
E ficou para casar.
Os três piás cresceram.
João Nepomuceno, Pedro Felix
E Antônio Júlio,
Todos de Medeiros Mallet.

Estes se fizeram homens
E foram, ao lado do pai, guerrear.

Do teu batismo de fogo,
Em Passo do Rosário,
No Comando de Bateria,
Teu Comandante-Chefe, num elogio,
Viu bravura, calma e sangue frio.
E te promoveu a Capitão,
No campo de batalha.

Este foi o início do guerreiro,
Que de passo em passo,
Se tornou o maior dos artilheiros,
Não só pelo tino demonstrado,
Mas, pelo estudo aplicado,
Nos compêndios da arma e da ciência
E dedicação profissional.

O sucesso é conquistado:
Paissandu, Uruguaiana e Confluência.
Aos infantes o apoio esperado e
O inimigo é posto em debandada.

Osorio não te poupa em elogios.
Atividade, bravura e energia,
De há muito conhecidas.

Em Tuiuti, o Regimento em prontidão,
Um fosso aberto com a Engenharia
E o olhar da decisão
Põem por terra a galhardia
Do inimigo em confusão.

Teu comando não falha.
Granada e metralha!
Espoleta a seis segundos!
A vitória não tarda.

**Está ganha a batalha.
E, do inimigo, feridos e moribundos.**

**Triunfa a Brigada de Artilharia
Que passa a teu comando,
Ainda como Coronel
Em posição de General.**

É longa a tua caminhada...

**Na tomada de Estabelecimento,
Os tiros de metralha e granada,
Em apoio a um forte destacamento
De Infantaria e Cavalaria,
Dão o toque fulminante
Da tua precisa Artilharia.**

**Humaitá resiste brutalmente.
Tua Brigada vence dificuldades,
Em apoio aos atacantes,
Na conquista dessa fortaleza,
De muitas qualidades.**

**De Lomas Valentinas
Caxias lembra em sua Ordem-do-dia,
O arrojo e a intrepidez
Das nossas forças em luta,
Mas, consagra as honras da jornada
A tua briosa Artilharia**

**Essa heróica Brigada
Continua a galgar altura,
E, ao final da Dezembroada,
Cai por terra Angostura.**

**O inimigo se retrai
E, em Peribebuí vai defender,
Mas, não consegue esquivar-se
Da certa pontaria,
De ti, guapo artilheiro,
Embora, ainda que tarde,
No posto de Brigadeiro.**

**Na Batalha de Campo Grande,
Teus conselhos ajudam
Nas conquistas reluzentes,
Pondo em fuga o inimigo
Em bandos remanescentes.**

**Tua arma atua concentrada
Nesta última empreitada,
Embora as Baterias
Se destaquem
Em ações independentes,
Até a vitória final.**

**De Osorio,
Teu afilhado de casamento,
Recebes uma grande deferência,
Quando a ti se refere,**

**Que nenhum oficial
Demonstrou mais competência,
Nessa guerra cruenta e mortal,
Do que o Comandante
Dessa Artilharia valente.**

**Eras ativo e impávido.
Montavas a cavalo
E acudias em qualquer local.**

**Aceitavas o mate amargo do soldado
E a ele davas atenção,
Providenciando tudo sem confusão.**

**Após a guerra ,
Em Comandos pelo Sul,
Nos difíceis caminhos do pampa,
Tu andavas sempre atento,
Verificando e
Inspecionando todo destacamento
Numa luta incansável,
Como a dobrar
Um touro pela guampa.**

**Tu guardaste esta fronteira
Num amor especial
De coração brasileiro.**

**E, numa honraria a ti,
O Governo Imperial
Conferiu o título de
Barão de Itapevi.**

**Confirmada a nobiliarquia,
Adotaste o brasão de família,
De França, tua terra natal.**

**Um escudo de fundo em goles,
Que é o mesmo colorado, com
Três fivelas de ouro,
Em roquete como a letra Vê,
De vencedor que tu foste.**

**Tua Brigada foi desfeita
E depois reativada,
No berço da Artilharia
Em São Gabriel, Rio Grande do Sul.**

**Tua Unidade estava lá
Fiel, subordinada, 1º RA CAV,
De passado tão perfeito,
Que, hoje, ostenta teu nome,
No escalão Regimento.**

**Outras Unidades subordinadas,
Em torno dela gravitaram,
Todas de tradição e portento.**

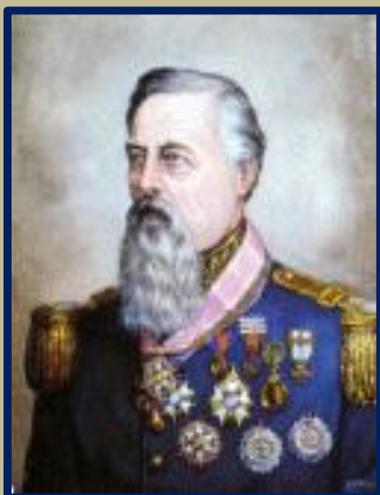
**Para que não houvesse ciúme,
Nem se criasse queixume,**

Tua Brigada,
À semelhança de ti,
Mudou de coxilha em coxilha,
Pelo Rio Grande do Sul;
Cruz Alta, Santa Maria e
Cachoeira do Sul,
Retornando à Cruz Alta,
Onde mais tempo ficou.

E, nessa querência de valor,
Tua Brigada gigante
De nome mudou.

Continua de Artilharia,
Mas, só que Divisionária,
Por seus laços irmanada
À Divisão Encouraçada
Da vizinha Santa Maria.

Por isso com justa razão,
Quisemos lembrar de ti,
Exaltando teus Comandos
Barão de Itapevi.



**NOSSA SINCERA HOMENAGEM AOS FILHOS DE MALLET – O
PATRONO DA ARTILHARIA BRASILEIRA, UM DOIS HERÓIS DE
TUIUTI!
HOMENAGEM A TODAS AS UNIDADES DE ARTILHARIA DO
EXÉRCITO BRASILEIRO.**

"Eles que venham. Por aqui não passarão!"

X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X

EDITOR:

**LUIZ ERNANI CAMINHA GIORGIS
CEL INF EM, PRESIDENTE DA AHIMTB/RS
LECAMINHA@GMAIL.COM**

SITES:

WWW.AHIMTB.ORG.BR

WWW.ACADHISTORIA.COM.BR

SITE DO NEE/CMS: WWW.NEE.CMS.EB.MIL.BR

SITE DO NÚCLEO MILITAR DE GRAMADO: WWW.NUCLEV.COM

BLOG DA DELEGACIA DA AHIMTB/RS EM CRUZ ALTA:

HTTP://ACADHISTORIACRUZALTA.BLOGSPOT.COM.BR/